

ABORDAGEM ESTÉTICA E PEDAGÓGICA DO TEATRO DE FIGURAS ALEGÓRICAS

Joaquim Gama¹

Resumo

O objeto do presente artigo é a abordagem estética e pedagógica do Teatro de Figuras Alegóricas, na encenação *Chamas na Penugem*. Identifica-se, neste projeto, a concepção da encenação como prática pedagógica e o seu cerne está nas relações existentes entre a criação artística, a pedagogia do teatro e o artista-docente. Este trabalho engloba procedimentos referentes ao jogo teatral, à leitura de imagens e aos processos colaborativos. No que tange à leitura da imagem, são analisados os fundamentos estéticos da didática alegórico-diabólica de Peter Brueghel, o Velho, relacionados à descrição de uma série de gravuras intituladas Os Sete Vícios Capitais.

Palavras-chave: alegoria, leitura de imagem, pedagogia do teatro, jogos teatrais, encenação, artista-docente.

Abstract

The purpose of the present article is the pedagogic and aesthetic approach of the Theater of Allegorical Figures in the staging of *Chamas na Penugem* (Flames on down). It can be noticed in this project the conception of staging as a pedagogic practice, and its essential part is in the existing relationship between the artistic creation, the theater pedagogy and the artist-teacher. This paper gathers procedures referring to the theater game, the image reading and the collaborative processes. Particularly related to the image reading, is the aesthetic foundations of the diabolic-allegorical didactics of Peter Brueghel, the Elder, related to the description of a set of pictures called The Seven Deadly Sins.

Keywords: allegory, image reading, theater pedagogy, theater games, staging, artist-teacher.

O contexto

Em 2008, na Universidade de Sorocaba - UNISO, desenvolvemos o projeto de encenação *Chamas na Penugem* com os alunos do curso de Licenciatura em Teatro. Durante o período do trabalho, sob a direção de Ingrid Koudela, o meu papel esteve direcionado para duas perspectivas: uma como diretor de cena e outra como pesquisador da Escola de Comunicação e Artes de São Paulo - ECA/USP, vinculado ao programa de pós-graduação em nível de doutorado (GAMA, 2010).

O ponto de partida para o projeto de encenação foi uma série de gravuras intituladas *Os Sete Vícios Capitais*, de Peter Brueghel, o Velho (SELLINK, 2007). Com base em procedimentos que envolveram a leitura de imagem, os jogos teatrais e processos cênicos colaborativos, foi possível estabelecer um campo de investigação teatral voltado à concepção da encenação como prática pedagógica. Vale ressaltar que no que tange à leitura da imagem da obra de Brueghel, tivemos um campo propício também à análise dos fundamentos estéticos e didáticos atrelados à concepção de alegoria. Assim, o conjunto de elementos levantados e pesquisados no processo de montagem do espetáculo trouxe à tona a formulações estéticas e pedagógicas do *Teatro de Figuras Alegóricas*.

A imagem alegórica

Desde a concepção da *alegoria dos teólogos* (HANSEN, 2006), em que o seu caráter cristão e ideológico foi exacerbado, até à ideia de *alegoria moderna*, formulada pelo filósofo alemão Walter Benjamin

(1984), veremos que está circunscrita na imagem alegórica a concepção de ensinamento. Essa concepção solicita dos espectadores suas capacidades de análise, reflexão e julgamento. Para que o espectador compreenda o sentido de uma imagem alegórica, ele deverá perpassar pela análise formal dos seus significantes. Dessa maneira, as descobertas realizadas no processo descritivo e analítico da imagem alegórica conduzirão o observador a conteúdos que foram organizados esteticamente e lhe permitirão tanto ler a ideia representada como a maneira como ela foi estruturada no espaço da obra.

Nesse sentido, a preocupação de um alegorista está na forma como uma ideia pode ser estruturada numa imagem e como essa imagem pode ser lida e compreendida por vários tipos de receptores. Para tanto, o alegorista utiliza-se de um sistema de convenções que permita a leitura da imagem alegórica pelo maior número de pessoas possível. A alegoria e, conseqüentemente, uma imagem alegórica é a expressão do que está socialmente convencionalizado.

Essa perspectiva sobre a alegoria nos aponta para Benjamin. Segundo esse autor, a alegoria é um gesto linguístico plenamente intencional, construído e configurado como uma imagem escrita. Isso significa que as imagens alegóricas concebidas como imagens escritas, pertencem à esfera da história, do que está transcrito e pós-escrito. Tendo em vista a concepção de imagem alegórica como imagem escrita, ela, nas mãos de um alegorista, passa a ter dois objetivos básicos: o primeiro é o de exprimir um conceito e o segundo é construir uma imagem que sirva também como inscrição.

Na imagem alegórica está presente um jogo de descobertas com o espectador, que é capaz de mobilizar seus pensamentos, suas percepções sensoriais e sua forma de olhar para a realidade figurada. Em face disso, a relação entre a imagem alegórica e o observador envolve procedimentos capazes de induzi-lo ao desvelamento do que está oculto.

1 Professor universitário de Teatro da Universidade de Sorocaba - SP, coordenador pedagógico da SP Escola de Teatro - Centro de Formação das Artes do Palco - São Paulo/SP. Doutor em Artes Cênicas pela Escola de Comunicação e Artes, da Universidade São Paulo - ECA/USP, com pesquisa na área da pedagogia do teatro.

Dentro dessa perspectiva, Brueghel se torna modelar. Além de ser um dos maiores artistas do seu tempo, ele deixou um legado de obras nas quais é possível encontrar inúmeras produções que se relacionam com a tradição hermenêutica das imagens alegóricas. As obras desse artista fazem alusões à vida cotidiana do homem medieval. Tratam-se de alegorias que nos remetem à cultura popular, aos seus antagonismos religiosos e ao complexo universo cósmico da época. Nesse sentido, sua obra se apresenta também como uma imagem escrita, cuja leitura intertextual nos coloca diante de inúmeros pontos de vistas que se dispersam e se justapõem de forma desordenada pelo espaço da obra, em contraposição à perspectiva clássica renascentista, que buscava direcionar o olhar do espectador para um único ponto.

Ao estudarmos as obras de Brueghel, com base na imagem alegórica, perceberemos a liberdade que o espectador tem de buscar uma perspectiva que lhe pareça mais significativa. Em suas obras,

o artista dispõe no espaço uma sucessão de fragmentos, justapondo-os e criando uma *pele* visual densamente povoada por seres de toda ordem. A visualidade de suas obras instaura uma atitude de estranheza no olhar do espectador. Seus trabalhos produzem uma dupla temporalidade: uma voltada ao seu tempo e outra direcionada a todos os tempos, no qual os embates humanos ainda se fazem presentes. Como imagens alegóricas, elas possuem a capacidade de arremessar o receptor para além das suas *peles* visuais. Elas avançam em direção ao espectador e invadem o seu espaço de percepção, conduzindo-o aos discursos imagéticos, minuciosamente, elaborados e organizados pelo alegorista. Constatamos que as obras do artista são citações históricas, imagens inscritas, que trazem ensinamentos que colocam os seus observadores para pensar na relação com o outro e com o mundo. A compreensão dessas imagens pressupõe tanto a leitura dos seus conteúdos como a leitura da sua visualidade.



Soberbia, de Os sete vícios capitais, de Peter Brueghel, em KLEIN, Artur. *Graphic Worlds of Peter Bruegel, the Elder*. New York: Dover, 1963.

Leitura da imagem

A leitura da imagem (GAMA, 2008) tem por objetivo promover a relação do espectador com o mundo visual, instaurando processos que envolvem a descoberta visual, a capacidade de análise e julgamento do que vê. As proposições vinculadas à leitura de imagem, com base no conceito de leitura cognitiva, buscam enfatizar a *ação projetiva* do espectador sobre a imagem. Portanto, a leitura da imagem está voltada para a maneira como o espectador recebe a obra e de como ela é

impregnada de suas projeções. Na leitura cognitivista, o foco está no receptor da imagem, nas suas sensações, nas suas percepções e naquilo que ela é capaz de trazer de conhecimento.

No final do século XX, em face dos avanços das pesquisas sobre a teoria da percepção e da cultura visual de massa, surge a necessidade da presença de uma *pedagogia da imagem*, cujos objetivos e métodos estão voltados para a fruição estética da obra de arte. O que se almeja com a *pedagogia da imagem* é a construção de um *espectador-leitor* (AUMONT, 1995).

O trabalho intelectual do *espectador-leitor*, a ser realizado durante o processo de leitura da imagem, está circunscrito em princípios heurísticos que almejam a hermenêutica da imagem. Esses princípios estão fundados numa relação dialógica entre as concepções de mundo internalizadas pelo observador e as representações presentes nas imagens.

A leitura da imagem é tão importante para as artes plásticas como para o teatro. Ao estreitar as relações do teatro com a imagem, perceberemos que o espaço cênico também se define pela sua materialidade visual. Nesse sentido, a leitura do texto cênico (PAVIS, 1999) significa centrar o olhar na visualidade da cena e se constitui em método que possibilita desconstruir a rede de significantes que estruturam a encenação e permitem as múltiplas interpretações do espectador.



Espectáculo *Chamas na Penugem*. Dramaturgia: Ingrid Koudela. Direção de cena: Ingrid Koudela e Joaquim Gama. Realização: Universidade de Sorocaba/UNISO. Curso de Licenciatura de Teatro.

O projeto de encenação *Chamas na Penugem*

No projeto de montagem da encenação *Chamas na Penugem*, as perspectivas de leitura da imagem, com vistas à materialidade visual da cena, foram trabalhadas tomando-se por base um conjunto de gravuras de Peter Brueghel, o Velho. Essas gravuras foram desveladas por intermédio de dados históricos e do levantamento de saberes que deram origem às gravuras. Em razão disso, foi possível focalizar o olhar dos alunos-atuantes, participantes do projeto, no período histórico da obra e nas significações pretendidas por Brueghel. Dentro dessa perspectiva, inúmeros jogos, oriundos da sistematização de jogos teatrais, propostos por Viola Spolin (2007), estabeleceram a aprendizagem teatral e a apreensão dos conteúdos da obra de Brueghel.

Durante o processo de montagem, as imagens foram utilizadas como material estético e passaram a ser investigadas e desveladas pelos alunos-atuantes, tornando-se o ponto de partida à composição de cenas. Esse processo foi desenvolvido, num primeiro momento, por intermédio de um processo descritivo das gravuras e, numa etapa complementar, com base na *fiscalização* (GAMA, 2010b) das figuras das obras pelos atuantes, utilizando-se de paratálas as proposições dos jogos teatrais. Dessa maneira, a leitura formal, a leitura dos significados e a transposição das gravuras às cenas tornaram o caminho para a estruturação do *Teatro de Figuras Alegóricas* (KOUDELA, 2008c).

O Teatro de figuras alegóricas

O *Teatro de Figuras Alegóricas* se constituiu como forma teatral própria e traz consigo proposições relacionadas ao teatro contemporâneo, cujo interesse se distancia da história contada a partir da relação de causa e efeito, da caracterização psicológica das personagens, da imitação ilusionista da realidade, da transmissão de mensagens

racionalmente tangíveis e do status da quarta parede. Trata-se, assim, de um teatro voltado para a construção de figuras, que possuem existência própria, autônoma, e são capazes de criar universos imagéticos que valem por si só. Ele possui uma forma teatral que atua na capacidade sensorial do espectador e motiva o jogo entre as imagens do subconsciente e o pensar conceitual, definindo, portanto, novas relações entre o palco e a platéia.

Essa forma teatral prioriza a linguagem gestual, a pantomima e os movimentos coreografados por intermédio dos *tableaux vivants* (DIDEROT, 1986). Nesse tipo de teatro, no qual as modificações de proporções e a estilização cênica são constantes, a visualidade da cena ganha destaque e será determinante para a organização do gesto. Na encenação *Chamas na Penugem*, os quadros de cena substituíram as sequências de cenas dramáticas e o *tableau vivant* tornou-se um recurso a ser explorado e que permitiu colocar em cena as gravuras de Brueghel.

Todo trabalho de construção do *aluno-atuante* esteve voltado à pantomima e, nesse sentido, os jogos teatrais revelaram-se o meio para encontrar soluções inusitadas e criativas diante dos desafios que surgiam tanto no desenvolvimento da atuação como na construção dos sete quadros que compuseram a encenação.

Na conceituação do *Teatro de Figuras Alegóricas* encontramos a possibilidade de pensar na encenação como prática pedagógica. A encenação como prática pedagógica (KOUDELA, 2008b) está inserida no âmbito da Pedagogia do Teatro (KOUDELA, 2006) e indica tanto o processo percorrido pelo encenador como também as decisões e as escolhas didáticas que definem a trajetória do trabalho e suas relações com o grupo de atuantes. Nesse sentido, tornam-se indissociáveis da prática teatral as discussões teóricas que alicerçam o trabalho e arregimentam todo o processo de investigação cênica. Assim, a encenação como prática pedagógica prioriza tanto o processo de aprendizagem teatral como a criação artística de um

espetáculo. É dentro dessa concepção de trabalho que os alunos do curso de licenciatura em Teatro, da Universidade de Sorocaba - UNISO, conquistaram um processo plural, caleidoscópico, em que a prática teatral acompanhou a teoria e vice-versa. Isso se insere dentro do universo do processo colaborativo, no qual cada participante do projeto ocupa seu lugar no trabalho de acordo com sua capacidade e seu interesse, configurando-se um coletivo teatral. Nesse sentido, o processo trouxe consigo uma ação política-estética-artística-pedagógica que além de valorizar a imaginação, o devir, o dedutivo, a heurística e a hermenêutica, permitiu a retomada do conceito da alegoria, cujo caráter didático nos traz a possibilidade de concebê-la como um campo profícuo às práxis educacionais e artísticas, nas quais a teoria e a prática caminham juntas na formação do *artista-docente* (GAMA, 2010).

Dentro desse âmbito, conjugar o binômio artista e docente tem sido, cada vez mais, uma necessidade na formação

de professores de Teatro. O termo traz concepções que abrangem a formação artística e docente de profissionais que atuarão em diversas áreas da cultura, da arte e da educação. Dessa maneira, ao amalgamar-se a produção artística teatral à pedagogia do teatro temos a oportunidade de deconstruir processos cênicos e pedagógicos de valor significativo tanto para o Teatro como para a Educação.

A encenação *Chamas na Penugem* se configurou, também, como um espaço de investigação pedagógica, cuja ação esteve voltada à formação de professores de teatro em nível universitário. Assim sendo, além de voltar os objetivos do projeto à formação dos futuros professores de Teatro, houve também a preocupação com a formação artística dos alunos para que eles não só saibam ensinar arte como também sejam capazes de produzi-la. Nessa direção, passa a fazer parte da pedagogia do teatro elementos constituintes da produção teatral, capazes de gerar criações artísticas e olhares reveladores sobre a arte contemporânea.



Espectáculo *Chamas na Penugem*. Dramaturgia: Ingrid Koudela. Direção de cena: Ingrid Koudela e Joaquim Gama. Realização: Universidade de Sorocaba/UNISO. Curso de Licenciatura de Teatro.

A abordagem didática e estética do *Teatro de Figuras Alegóricas*, aqui explicitada, engloba a construção e a forma artística de uma montagem teatral. Dentro desse contexto, o espetáculo *Chamas na Penugem*, com base nas sessões de jogos teatrais como habilidades de processo e a concepção da encenação como prática pedagógica, torna-se modelar como resultado artístico e como processo colaborativo em que alunos-atuantes e professor-encenador operam juntos o conhecimento teatral e a produção artística.

Referências bibliográficas

- AUMONT, Jacques. *A Imagem*. Campinas: Papirus, 1995.
- BENJAMIN, Walter. *Origem do drama Barroco alemão*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DIDEROT, Denis. *Discurso sobre a poesia dramática*. Tradução de L. F. Franklin de Matos. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- GAMA, Joaquim Cesar Moreira. *Velha nova-história sobre o produto teatral: experimento com os alunos do Ensino Médio*. Dissertação apresentada à Escola de Comunicação e Artes, da Universidade São Paulo - ECA/USP. Orientação Profa. Dra. Maria Lucia S. B. Pupo. São Paulo: ECA/USP, 2000.
- _____. *A abordagem estética e pedagógica do teatro de figuras alegóricas: Chamas na Penugem*. Tese de doutorado apresentada à Escola de Comunicação e Artes, da Universidade São Paulo - ECA/USP. Orientação Profa. Dra. Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: ECA/USP, 2010.
- _____. *A fisicalização no sistema de jogos teatrais*. Revista de História e Estudos Culturais, Vol. 7, Ano VII, nº 01. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br/vol22jagama.php>> Acesso em: 16.out.2010.
- _____. *Teatro e imagem*. In: Anais do V Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. Belo Horizonte: UFMG/Escola de Belas Artes, 2008.
- HANSEN, João Adolfo. *Alegoria – construção e interpretação da metáfora*. Campinas: Hedra/Editora da Unicamp, 2006.
- KOUDELA, Ingrid Dormien. A encenação contemporânea como prática pedagógica. In: *Urdimento Revista de Estudos em Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina*. v. 1, n. 10, Florianópolis, 2008.
- _____. *Teatro de figuras alegóricas*. In: Anais do V Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. Belo Horizonte: UFMG/Escola de Belas Artes, 2008c.
- _____. *Pedagogia do teatro*. In: Anais do IV Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.
- PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. Tradução de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- SELLINK, Manfred. *Bruegel – The complete paintings, drawings and prints*. Belgium: Ludion, 2007.
- SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais na sala de aula*. Tradução de Ingrid D. Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2007.